



## Articulação e ressignificação do discurso político

Deodoro José Moreira<sup>1</sup>

**Resumo:** Após o início da chamada Operação Lava Jato, em março de 2014, a esquerda brasileira teve seu discurso colocado em xeque, uma vez que alguns de seus principais expoentes foram acusados de práticas corruptas. Diante disso, a direita vislumbrou nesse vácuo uma possibilidade de tornar seu discurso hegemônico. Ocorre que, na sequência, representantes dessa corrente também entraram no rol de suspeitos. O que se vê desde então é uma batalha diária para que determinados discursos alcancem a hegemonia. Não pretendemos enfatizar, contudo, uma visão maniqueísta de esquerda/direita, mas apontar sua ressignificação e ressonância em grupos e/ou movimentos sociais. Assim como Laclau considera que o campo discursivo é aberto, pretendemos discutir e apontar, por meio de matérias publicadas pelo jornal *Folha de S.Paulo*, no período pós-Lava Jato, as práticas articulatórias utilizadas e sua eficiência ou não.

**Palavras-chave:** Hegemonia; Discurso; Articulação; Ressignificação; Ideologia.

### 1. Divisor de águas

A chamada Operação Lava Jato instaurou um divisor de águas na política brasileira. O discurso dos agentes políticos foram se moldando à medida em que acusações eram disparadas, seja por meio de provas concretas, seja por delações ou colaborações premiadas que se tornavam públicas. Iniciada dia 17 de março de 2014, ainda sob o governo Dilma Rousseff, a investigação estava restrita à suposta corrupção ocorrida dentro da Petrobras, estatal que se tornou emblemática nos embates entre esquerda e direita. Mais tarde avançou para outras áreas do governo federal.

---

<sup>1</sup> Graduado em Cinema (Fundação Armando Álvares Penteado) e Jornalismo (União das Faculdades dos Grandes Lagos). Possui mestrado (2004) e Doutorado (2009) em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Minha experiência acadêmica e profissional concentra-se principalmente em Jornalismo. Centralizo todas as minhas pesquisas em mídia impressa.

Não nos interessa aqui a investigação em si, mas o que ela provocou na modulação dos discursos, uma vez que atingiu a todos, independentemente de coloração partidária ou ideologia. No entanto, é importante apontar que os discursos não se transmutaram e tornaram-se outros completamente diferentes daqueles que eram dominantes até então. O que houve foi uma adaptação ao momento, mas as crenças, tanto da esquerda quanto da direita, permaneceram e permanecem intactas.

Na verdade, há uma resignificação do discurso, provocada pelo estágio atual dos acontecimentos, não se trata mais de ideologia ou defesa firme de ideais, mas de sobrevivência, de autopreservação, face à avalanche de acontecimentos ditados ou provocados por oportunistas ou por motivos inconfessos.

O sujeito político ficou só, envolto por um campo minado e desprovido de discurso, uma vez que se molda diante de cada ocasião apresentada. Caíram máscaras e subterfúgios que, por sua vez, deixaram escancaradas a nudez intelectual dos atores. A defesa tornou-se difícil face às reações antagônicas vindas de amplos espectros, seja por meio de manifestações de ruas ou pelas redes sociais, por exemplo. É um momento de acerto de contas com o passado, e para isso o sujeito busca resignificar aquilo que o macula ou desconstrói, tal qual Theodor W. Adorno aponta em *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*: “no inconsciente sedimenta-se aquilo que no sujeito sempre fica para trás e que tem que pagar as contas do progresso e do esclarecimento. O atraso se transforma no “atemporal””. (ADORNO, 2015, p. 95).

Sendo assim, o que era praticado ‘entre quatro paredes’ fixa-se no tempo (torna-se atemporal) e mergulha o sujeito político em um estado de coisas absolutamente desconectado com sua verdade construída. É sintomático que na edição de 22 de março de 2014 a *Folha S.Paulo* traz matéria sob o título “Em documento, PT faz firme defesa da estatal” (FALCÃO, 2014. p. A4), onde o Partido dos Trabalhadores defende enfaticamente seus valores já delimitando o campo discursivo para a batalha que virá à frente.

[...] mais uma vez estamos presenciando a oposição e os setores conservadores da nossa sociedade fazer ataques para atingir a imagem da Petrobras. [...] foi alvo da política de privatizações no governo liderado pelo PSDB apoiado pela elite nacional. ( [...]) A tentativa da oposição e do conservadorismo nacional em atacar a Petrobras é mais uma iniciativa daqueles que sucatearam o estado brasileiro e aprofundaram as desigualdades sociais [...]. (FALCÃO, 2014, p. A4)

## 2. Território demarcado

É perceptível que o partido já demarca o território em seu discurso, desfralda bandeiras históricas e apresenta suas armas, como que buscando uma ressignificação em um campo onde são conhecidos os atores. Assim, busca construir sua teia discursiva ancorada na articulação de guerrilha. Palavras ou expressões destacadas do texto anteriormente transcrito apontam para essa construção: oposição; setores conservadores; política de privatização do PSDB; conservadorismo. Dessa forma, constrói seu discurso utilizando velhos chavões, com a delimitação de dois campos antagônicos. Como a Lava Jato naquele momento estava no início e havia poucos denunciados, o partido delimitou os campos, PT esquerda, PSDB direita, não se importando com o espectro restante.

Ernesto Laclau e Chantal Mouffe observam que “uma estrutura discursiva não é uma entidade meramente cognoscitiva ou contemplativa; é uma prática articulatória que constitui e organiza as relações sociais.” (LACLAU e MOUFFE, 2004, p. 133). A construção do discurso obedece a certas lógicas, e deve, supostamente, dirigir-se para algum foco específico. É o que observamos anteriormente em relação ao que destacamos na ação do PT.

Jacob Torfing (1999), quando analisa a teoria do discurso de Laclau e Mouffe, afirma que um discurso é um conjunto de sequências diferenciais em que o sentido é constantemente renegociado. “O discurso é, portanto, uma totalidade relacional de sequências significantes que determina a identidade dos elementos sociais, mas nunca consegue totalizar e exaurir o jogo da significação.” (TORFING, 1999, p. 87).

Como acentuam Laclau e Mouffe, o sentido é constantemente renegociado, e é justamente neste ponto que se dá a ressignificação. A partir do momento em que

o PT vê-se acuado com denúncias de corrupção que atingem o coração do partido, uma vez que a presidência naquele momento é ocupada por um de seus quadros, Dilma Rousseff, lança de mão de uma costura de significantes que reproduzem, como analisamos, velhos chavões da esquerda, mas que assumem novas significações em um campo de disputa diferente. É importante salientar ainda que as eleições presidenciais naquele ano estavam próximas e o jogo político tornava-se mais tenso, o que provoca, como observam Laclau e Mouffe, uma renegociação permanente.

Até esse momento, o que se apresentava eram as corporações, os partidos, em campos antagônicos. No entanto, surge a primeira acusação grave contra um dos quadros do PT, o então deputado federal André Vargas. Com a manchete de capa “Doleiro preso emprestou jatinho ao vice da Câmara”, a *Folha de S.Paulo*, edição de 1 de abril de 2014, traz investigações que dão conta que o político havia utilizado jatinho pertencente ao doleiro Alberto Youssef, que estava preso e era considerado um dos pivôs da Lava Jato. Estava instalada a base de depuração de novas práticas articulatórias no campo discursivo, pois não se trata mais apenas de partido, mas de sujeitos.

Até agora apresentamos um dos campos antagônicos. Falta-nos analisar a oposição, que é taxada de direita. Sob o título “Não importa se o candidato for Lula, diz Aécio” (LIMA, 2014, p. A7), a *Folha de S.Paulo* enuncia de que maneira o PSDB pretende alcançar a hegemonia com seu discurso frente ao PT, na voz de um dos expoentes do partido. “O que eu quero é derrotar esse modelo político que não vem fazendo bem ao Brasil” (LIMA, 2014, p. A7), diz o senador mineiro Aécio Neves. Assim, entendemos que a batalha no campo discursivo vai ocorrer entre aqueles que defendem o modelo vigente e os que querem a derrota de tal modelo. É importante observar que até então a chamada oposição não havia sido abatida por denúncias de corrupção, o que aconteceu mais gravemente neste ano, quando veio a público a gravação de conversa entre Aécio Neves e Joesley Batista, um dos donos do frigorífico JBS. Tal evento analisaremos mais adiante.

### 3. Hegemonia

Laclau considera que o campo discursivo é aberto, em que os elementos discursivos são agrupados por práticas articulatórias, conforme já citamos anteriormente. Várias dessas práticas podem acontecer ao mesmo tempo, algumas conseguem alcançar a hegemonia, outras não. “A construção de um discurso hegemônico é o resultado de articulação, que é uma prática que estabelece relações entre elementos tais que sua identidade é modificada como um resultado de uma prática articulatória.” (LACLAU e MOUFFE, 2004, p. 178).

A noção de hegemonia desenvolvida por Laclau e Mouffe é derivada dos estudos de Antonio Gramsci. Chantal Mouffe, coautora com Laclau em *Hegemonia e Estratégia Socialista*, analisa Gramsci e afirma:

De acordo com ele, hegemonia envolve a criação de uma alta síntese, na qual todos seus elementos se fundem em uma ‘vontade coletiva’ que se torna a nova protagonista da ação social que funcionará como a protagonista da ação política, enquanto a hegemonia durar. É através da ideologia que esta vontade coletiva se forma, uma vez que sua existência depende da criação de uma unidade ideológica na qual ela servirá como base. (MOUFFE, 1979, p. 184)

Gramsci aponta que a concretização da hegemonia se dá pela coerção ou pelo consenso de uma vontade coletiva. Entretanto, esta vontade coletiva se forma por meio da ideologia. Para Gramsci, [...] as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma – sendo que esta distinção entre forma e conteúdo é puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais.” (GRAMSCI, 1995, p. 63).

Portanto, hegemonia se dá no campo da ideologia. Mouffe e Laclau se utilizam de parte da conceituação de Gramsci. Laclau faz uma atualização no conceito de hegemonia, em 1993, no artigo *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*, no qual aponta a existência de significantes flutuantes que se articulam. Para ele, tornar um discurso hegemônico significa fixar seu significado ao redor de um ponto nodal. “O campo do social então seria visto como uma guerra de trincheira na qual projetos políticos distintos lutam para articular um grande

número de significantes ao redor de si.” (LACLAU, 1993, p. 28). O sucesso do projeto hegemônico está na capacidade de disposição de articular a cadeia de significantes.

A hegemonia, portanto, facilita a unificação de terreno ou campo discursivo, o que permite fixar parcialmente o sentido do significante flutuante. Os sentidos, por sua vez, são fixados pelos chamados pontos nodais (expressão originária do *point de capiton* laciano), ou seja, segundo Laclau, pontos privilegiados a partir dos quais se organiza a costura significante.

Žižek, por sua vez, entende ponto nodal como ponto de costura, ou ponto de subjetivação da cadeia significante. (ŽIŽEK, 1992, p. 100). Laclau acrescenta que para que haja a prática da articulação é necessária a construção de pontos nodais que fixem parcialmente o sentido.

Para isso, estabelecemos os limites da formação discursiva. Laclau e Mouffe respondem a isso com a elaboração da teoria do antagonismo social, que é o limite de toda objetividade. Para eles, o antagonismo não tem um sentido objetivo, ou seja, é aquilo que impede a constituição da objetividade como tal. Laclau entende que o antagonismo acontece no exterior da sociedade, pois é impossível ela constituir-se plenamente.

Para Laclau e Mouffe, o antagonismo não deve ser entendido como contradição ou oposição real, mas como o que não deixa o outro existir como tal. Ou seja, antagonismo envolve a presença da negatividade no social, “[...] uma certa ordem social somente pode ser constituída com base numa fronteira que a separe do que seja radicalmente ‘o outro’, oposto a esta ordem.” (LACLAU e MOUFFE, p. 168, 2004).

No entanto, a hegemonia está longe de ser conquistada por qualquer um dos campos antagônicos, uma vez que suas práticas articulatórias são falhas e não possuem ressonância na sociedade. Mesmo que a mídia impressa, em nossa análise, a *Folha de S.Paulo*, seja seu espaço de enfrentamento, não é possível ainda definirmos o que prevalece. Norman Fairclough, em *Discurso e mudança social*, complementa:

Embora seja verdade que as formas e o conteúdo dos textos trazem o carimbo (são traços) dos processos e das estruturas ideológicas, não é possível ‘ler’ as ideologias nos textos. [...] porque os sentidos são produzidos por meio de interpretações dos textos e os textos estão abertos a diversas interpretações que podem diferir em sua importância ideológica e porque os processos ideológicos pertencem aos discursos como eventos sociais completos – são processos entre as pessoas – não apenas aos textos que são momentos de tais eventos. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 118 e 119).

Elio Gaspari, em artigo publicado na *Folha de S.Paulo*, edição de 2 de abril de 2014, página A6, sob o título “André Vargas e o PT 2.0”, analisa as ações de Vargas e a nova feição assumida pelo PT.

[...] Vargas é um representante do PT 2.0. [...] Desde que os jatinhos tornaram-se símbolo de poder e conforto, hierarcas de todos os partidos recorrem a amigos para não voar com a patuleia.

Vargas, contudo, inovou na justificativa. Disse que cometeu uma “imprudência”. Teria sido imprudência se tivesse entrado por engano no avião fretado pelo doleiro, depois de ter sido chamado para embarcar num voo comercial, não foi imprudência, mas onipotência.

O melhor momento do companheiro deu-se quando revelou que conhece Youssef há mais de 20 anos, mas não sabia com quem estava se relacionando. Seria então a única pessoa que não sabe a atividade de um amigo com quem se relaciona há mais de 20 anos. Youssef fornece jatinhos para amigos poderosos desde 2001. [...]

O amigo de André Vargas não é um doleiro petista, mas um operador suprapartidário. Já cedeu jatinhos para gente do PFL e tem relações com o PP, pelo menos com o ex-deputado José Janene, um dos ases do mensalão. (GASPARI, 2014, p. A6)

Inferimos pela análise de Gaspari que os modos de agir de ambos os campos antagonísticos se misturam e provocam certa confusão na definição do campo discursivo, localizando-o em uma zona cinzenta e não permitindo um fechamento. Ao mesmo tempo em que o PT prega contra as elites, usa de seus costumes. Utiliza-se de personagens nebulosos que se relacionam com partidos expoentes da direita, como os citados PFL (hoje DEM) e PP. Em uma palavra Gaspari resume o discurso ressignificado da esquerda brasileira: onipotência, com a qual concordamos.

Essa mesma onipotência creditada ao PT pode ser transferida ao PSDB. Na edição de 18 de maio deste ano, a *Folha de S.Paulo* revela que o empresário Joes-

ley Batista gravou conversas que teve com o presidente da República, Michel Temer, e com o senador tucano Aécio Neves, como observamos anteriormente.

Para efeito de análise, nos interessa, nesse momento, o ocorrido com o senador mineiro. Anteriormente, citamos que o tucano, nas eleições de 2014, queria derrotar o modelo político vigente à época, já que, segundo ele, tal como estava provocava prejuízos ao país. Pois o mesmo senador que se apresentava como alternativa por ser diferente de seus oponentes é flagrado em situação extremamente comprometedor, utilizando-se dos mesmos expedientes que condenava: supostamente pedia propina ao empresário.

Diante disso, tal situação corrobora nossa afirmação anterior que as práticas articulatórias dos dois campos antagônicos estão em uma zona cinzenta, na qual identificamos cadeias significantes comuns a ambos e que não permitem estabelecer uma hegemonia discursiva.

#### 4. Estratégias

O sistema de diferenças, como afirmamos anteriormente, é estabelecido com a constituição de dois campos antagônicos, que apresentamos como esquerda/direita, representados por PT e PSDB, em cujo espaço de enfrentamento, a mídia impressa, se dá a luta pela hegemonia. Cabe aqui um parêntesis. Nossa intenção não é rotular quem quer que seja, mas mapear como se apresentam os atores e seus discursos. Obviamente, os campos antagônicos não se resumem a apenas dois partidos. Em nossa análise tal situação nos é favorável para estabelecer a busca pela hegemonia discursiva e seu consequente fechamento discursivo.

As estratégias utilizadas permitem assim identificarmos como se dá a articulação discursiva dos textos que compõem nosso *corpus*. Tais textos ou reportagens são produzidos a partir de fatos ressignificados e, portanto, ‘moldados’ na página impressa (junção de texto e imagem) de acordo com a estratégia editorial empregada pelo enunciador ao longo da cobertura, dentro do período posterior à Operação Lava Jato.



Como síntese exemplar, destacamos análise de Igor Guelow sobre a reação do ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva à condenação imposta pelo juiz federal Sergio Moro em um dos processos que estava sob sua responsabilidade. Com o título “Para ao menos tentar salvar o que resta do PT, ‘jararaca’ substitui ‘paz e amor’”, edição de 14 de julho de 2017, página A8., Gielow apresenta:

Esqueça uma campanha à la 2002, do “Lulinha paz e amor”, da “Carta ao Povo Brasileiro”. Está de volta a jararaca, como ele se autodenominou, o líder sindical esgoelado contrapondo a “senzala” que diz representar à “casa grande” de sempre.

É o nós contra eles repaginado, ignorando o paradoxo que foi a associação promíscua com setores dessas elites políticas e empresariais que levaram à derrocada da imagem de Lula e sua condenação judicial.

A retórica anti-institucional do “só o povo pode me julgar” está na praça. Pela fala desta quinta (13), o petista já tem os seguintes eixos para a campanha: 1-Ele, o PT e Dilma Rouseff são vítimas de um golpe que foi articulado pelas “elites”, judiciário e imprensa.

2-O povo precisa ser governado por quem o entende, quem “conhece a fome e o desemprego”, tocando o nervo exposto na vida real.

3-“Eles” estão acabando com “tudo o que foi construído desde 1943”, citando a data de criação da CLT para atacar as comprovadamente impopulares reformas trabalhista e previdenciária.

[...] Com o leque colocado hoje, o nome seria o de Jair Bolsonaro (PSC-RJ), deputado que vocifera aquilo que as franjas mais radicais à direita que reencontraram as ruas desde 2013 querem ouvir.

Hoje Bolsonaro estaria no páreo para um segundo turno, tornando-se o adversário dos sonhos de Lula. (GIELOW, 2017, p. A8)

Os trechos citados acima são complementados pelo texto que apresentamos no início deste trabalho, o qual anunciava, em 2014, após a deflagração da Operação Lava Jato, a reação do Partido dos Trabalhadores frente à acusação de corrupção na Petrobras durante a gestão petista. Agora, como acentuamos, temos o sujeito político, que, diante da condenação, apresenta as bandeiras do partido para se defender e projetar sua campanha presidencial em 2018. Os significantes flutuantes defendidos por Laclau e Mouffe são identificados através de antagonismos visíveis: senzala/casa grande; jararaca/Lulinha paz e amor; nós/contra eles. O discurso repaginado, segundo Gielow, e ressignificado, como defendemos, materializa-se, mas contaminado pelas práticas antes condenadas, como associação às elites.

Enfim, uma luta constante entre projetos políticos distintos que lutam para articular um grande número de significantes ao redor de si

## Referências

- ADORNO, T.W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB. 2001.
- FALCÃO, M. Em documento, PT faz firme defesa da estatal. São Paulo: **Folha de S.Paulo**, p. A4, 22 mar. 2014.
- GASPARI, E. André Vargas e o PT 2.0. São Paulo: **Folha de S.Paulo**, 2 de abril de 2014, p. A6.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1995.
- GUIELOW, I. Para ao menos tentar salvar o que resta do PT, ‘jararaca’ substitui ‘paz e amor’. São Paulo: **Folha de S.Paulo**, 14 de julho de 2017, p. A8.
- LACLAU, E.; MOUFFE, C. **Hegemonía y estratégia socialista**. 2ª ed. Buenos Aires (Argentina): Fondo de Cultura Económica de Argentina S.A. 2004.
- \_\_\_\_\_. **Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo**. Buenos Aires (Argentina): **Nueva Visión**. 1993.
- LIMA, D. Não importa se o candidato for Lula, diz Aécio. São Paulo: **Folha de S.Paulo**, 1 de abril de 2014, p. A6.
- MOUFFE, C. **Gramsci & Marxist Theory**. London: RKP, 1979.
- TORFING, J. **New theories of discourse**. EUA: Blackwell Publishers. 1999.
- ŽIŽEK, S. **Eles não sabem o que fazem** – O sublime objeto da ideologia. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1992.